

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO

A Realeza de Jesus Cristo, o Homem novo

A realeza de Cristo está na glória que Ele tem no Reino de Deus, seu Pai. “O meu Reino não é deste mundo”, disse Jesus a Pilatos. Este perguntou-lhe, então: “Logo, Tu és Rei? Sim: Eu sou Rei, mas o meu Reino não é deste mundo”. Na Cruz, o ladrão arrependido pede a Jesus: “Lembra-te de mim na glória do teu Reino”. Cristo, Rei e Senhor do Universo, responde da cruz ao ladrão, que lhe pede para não se esquecer dele na sua realeza. “Hoje mesmo estarás comigo no meu reino”.

Também nós queremos participar na realeza de Cristo, viver mais envolvidos nesse mistério de glória, de graça, de vida, de santidade e de amor.

A celebração do último domingo do Ano Litúrgico, dedicado à Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, desafia-nos a viver a sua realeza.

Esta realeza de Jesus aparece-nos como novidade da nova Criação, assente na pessoa de Jesus Cristo ressuscitado, o Homem novo que nos ajuda a entender o significado do seu Reino. Ele é o “Primogénito de toda a Criatura; Ele tem em tudo o primeiro lugar”, porque é o Senhor e Rei do Universo.

Que lugar damos nós hoje a Jesus Cristo na nossa vida? A sua realeza não se identifica com as dos homens deste mundo. Certo é que os textos da Sagrada Escritura remetem muitas vezes para o Rei que há de vir, para a fuga do Rei, e falam do reino de Deus que vai chegar e da sua soberania.

O Profeta Ezequiel define a realeza de Deus a partir da imagem do Pastor. “Eu próprio irei em busca das minhas ovelhas e hei de encontrá-las” (Ez 34,11). O Bom Pastor é aquele que busca, cuida e reúne as ovelhas. Aquele que reúne os que andam dispersos e assume também o acolhimento dos excluídos, dos deserdados, dos marginalizados, das

vítimas do abuso do poder e de outros abusos, das violências, dos contaminados, das vítimas da pandemia e da pobreza. O título de Rei, com que termina o ciclo litúrgico, está enraizado numa cultura, que considera o Rei como aquele que une os cidadãos, reconcilia as partes desavindas e orienta para Deus os pobres e oprimidos, porque o Espírito do Senhor está com Ele no exercício do seu serviço libertador e na sua autoridade.

O projeto de Jesus Cristo é a edificação do Reino de Deus

Para cada um de nós entrar neste projeto, tem que fazer a experiência do encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo, como nos fala o Diretório da Catequese (DC).

Para realizar este projeto do Reino de Deus, Ele encarnou no seio de Maria e veio ao mundo para servir. É o Rei, que nasce na pobreza e na humildade, para nos enriquecer. Jesus é o “Primogénito de entre os mortos, Ele tem em tudo o primeiro lugar”, porque se fez obediente até à morte de Cruz, por isso Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes, confiando-lhe a missão de ser o Rei do Universo.

Ele exerce o seu múnus de Rei, servindo a humanidade, e nós participamos da sua realeza, como dizia o Evangelho de São Mateus 25, cumprindo as obras de misericórdia, na prática do amor, no serviço gratuito e generoso para com os irmãos.

Construindo pontes de fraternidade e de solidariedade, estabelecendo relações com as pessoas, criando redes de diálogo, comunhão e compromisso apostólico, sem excluir ninguém.

São Paulo na (2ª leitura) diz que: “o fim será quando Cristo entregar o reino a Deus seu Pai... É necessário que Ele reine... para que Deus seja tudo em todos” (cf. 1 Cor 15,20-26.28). O apóstolo refere-se a este destino comum da humanidade, que vê em Cristo morto e ressuscitado a esperança, a força e o poder que vence a morte.

Aqui está a diferença do reinado de Cristo comparado com os reinos deste mundo. Os reinos deste mundo sofrem violência e

experimentam a dor e a morte, promovem a destruição do mundo pelo pecado e pelas injustiças.

Cristo é Rei, porque é a origem e a fonte da vida em abundância. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, atributos em plenitude deste único Rei. Por isso é que Ele tem que reinar sobre o último inimigo desta humanidade, a morte, que será aniquilada. São Paulo fala, portanto, não de um sistema de governo, do exercício de um poder, mas da salvação da humanidade, pelos méritos da morte e ressurreição de Cristo, vencedor do pecado e da morte.

Contemplar o Reino de Deus e participar na vida eterna

Implica de cada batizado, de cada membro de um Movimento ou Obra de Apostolado o desejo de querer:

Ver a Deus – “Senhor mostra-nos o Pai e isso nos basta. Jesus disse a Filipe, quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,8).

O texto do Evangelho, no relato do “juízo final”, fala-nos da imagem do “Rei” sentado num trono glorioso, assim como de um “Pastor” que separa as ovelhas dos cabritos. Uma das grandes mensagens postas em questão neste texto é a de saber como “**ver a Deus**” e também o discernimento e a sabedoria de “quando é que nós te vimos...?”.

As obras de Misericórdia no texto do Juízo Final são o exame da vida cristã: “Vinde benditos de meu Pai, possuir como herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo”.

Ao longo das páginas da Bíblia, encontramos grandes personagens que quiseram ver a Deus: Abraão, Jacob, Moisés, os profetas, os discípulos de Jesus.

A questão fundamental não é tanto ver a Deus, mas descobrir o que Deus quer de cada um de nós e estarmos disponíveis para fazer a sua vontade na nossa vida. Como é que nós vivemos em cada momento da nossa vida a nossa relação com Deus e com o próximo. É preciso saber como nós olhamos para Deus e nos aproximamos d'Ele.

Ver Deus – presente na vida de cada irmão, na vida do outro, do meu próximo, dos contaminados, das vítimas que morreram fruto da pandemia e da violência.

Para ver a Deus, o primeiro passo é sair de si mesmo, do seu mundo, do seu egoísmo, descentrar-se, sair do nosso eu, do nosso mundo, centrarmos a nossa vida em Cristo e no serviço aos irmãos.

A maior atitude de Cristo Rei é o amor em dar a vida por nós. Um amor que se vive no quotidiano, nas coisas simples, nas tarefas mais humildes e que se experimenta na misericórdia, no perdão, na proximidade, no encontro e na ajuda ao próximo. É preciso ver Jesus nos outros, nas suas necessidades e aflições, enchendo-se de compaixão pondo em prática as obras de misericórdia. “Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40).

Quando não nos vemos a nós, também não vemos os outros, também teremos dificuldade em ver a Deus.

É por isso que em cada dia a Igreja nos propõe um caminho de evangelização e de catequese. “No centro de cada processo de catequese está o encontro vivo com Cristo. A catequese está orientada para formar pessoas que conheçam cada vez melhor Jesus Cristo e o seu Evangelho de salvação libertadora, que vivam um encontro profundo com Ele e que escolham o seu estilo de vida e os seus próprios sentimentos (cf. Fl 2,5), comprometendo-se a realizar a missão de Cristo, ou seja, o anúncio do Reino de Deus, nas situações históricas em que vivem” (DC n° 75). O encontro com Cristo envolve a pessoa na sua totalidade: coração, mente e sentidos (cf. DC 76).

Para que o Reino de Deus cresça, a “Igreja encontra-se diante de uma nova etapa evangelizadora (...). O anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo” (DC 38), implica hoje um grande desafio pastoral e uma conversão pessoal autêntica.

Venha a nós o teu Reino

É um pedido, uma oração que rezamos no Pai-Nosso.

Esta solenidade mostra-nos que o céu é a meta última da nossa existência humana, lá onde Cristo reina sobre todos os povos e é aclamado como Pastor e Rei Universal. “O Cordeiro que foi imolado é digno de receber o poder e a riqueza, a sabedoria, a honra a glória e o louvor” (Ap 5, 20).

Venha o teu Reino é o que pedimos na oração de cada dia.

Lembremos a delegação portuguesa presidida pelo Senhor D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa, que hoje receberam em Roma do Papa Francisco as insígnias da JMJ de 2023: a Cruz das Jornadas e o Ícone de “*Maria Salus Populi Romani*”, que irão peregrinar pelas nossas Dioceses. Que tudo isto seja para os jovens e para a Igreja em Portugal, como disse o Papa Francisco soletrando, devagarinho: “E-van-ge-li-za-ção”. Oxalá que a preparação e a realização da JMJ em Lisboa sejam “uma intensa estação de Evangelização” para todos nós.

É preciso que Jesus reine

O mundo de hoje precisa muito da ação salvífica e redentora de Cristo e da mensagem libertadora do seu Reino. De ouvir as suas palavras de salvação: “Não temais..., não se perturbe o vosso coração..., eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos...”. É preciso que Jesus reine na nossa vida, no nosso coração, nos nossos projetos, na nossa ação pastoral, no nosso plano pastoral: “Batizado Alimenta-te na Esperança”. Queremos ter a certeza de que Ele está connosco na Igreja, com os sacerdotes, os diáconos, os consagrados, os seminaristas, os leigos, nas nossas comunidades paroquiais e nas nossas instituições de ação pastoral e social; no nosso mundo atual, nas estruturas de governo, de saúde, de serviço e de ação social; neste tempo de crise, lutando contra a evolução da pandemia, a perda de emprego e todas as situações sociais de fragilidade daí decorrentes.

É preciso lutar contra o medo que se instalou no nosso mundo, a violência, o ódio, a vingança, o isolamento, a solidão, a indiferença, a criminalidade, a insegurança, o stress, a angústia, a ansiedade e as ações de morte programada.

É preciso construir um mundo novo, onde o Reino de Deus assente no amor, na justiça, na fraternidade, na solidariedade, na partilha, na esperança, na proximidade, no cuidado, na compaixão e na resiliência.

A missão da Igreja na construção do Reino de Deus

Vivemos uma hora de grande responsabilidade humana e eclesial, de enormes desafios para os agentes pastorais.

Nenhum batizado pode ficar fora deste Reino de vida e de amor. Todo o ser humano, quando faz o bem, é construtor da vida e deste Reino de Cristo. Alegro-me com a presença de todos os leigos que servem o Reino de Deus nos Movimentos e Obras de Apostolado ao serviço da nossa Diocese. Parabéns pelo vosso serviço e testemunho realizado na alegria e na esperança. Parabéns! Sede fermento e luz no meio deste mundo que precisa de ser transformado em Cristo. O mundo marcado por esta tremenda crise, que abala a nossa sociedade, provocada pela pandemia e as suas nefastas consequências, deve ser para todos nós um tempo de oportunidade na esperança para construir um mundo novo, uma nova civilização do amor.

Que este Reino de Deus cresça através da nossa vida e do nosso testemunho humano e cristão, do empenhamento de transformação da vida das pessoas na construção do reino social de Cristo. Devemos todos construir este reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, reino de amor e de paz (cf. Prefácio de Cristo Rei).

Consagremos a Jesus Cristo a nossa vida. Que Ele reine em cada um de nós, na Igreja e no mundo. Que o seu reino eterno produza em nós os frutos novos de caridade, que todos esperamos em abundância. Ámen.

Viseu, 22 de novembro de 2020

+ António Luciano, Bispo de Viseu